

# Gestão de corpos, emoções e subjetividades entre a juventude evangélica no movimento “Eu Escolhi Esperar”

STHEFANYE PAZ 

Universidade Federal do Rio de Janeiro | Rio de Janeiro, RJ, Brasil

sthefanyepaz@hotmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe231404

**resumo** Este texto analisa, com base em pesquisa etnográfica em um acampamento do movimento evangélico “Eu Escolhi Esperar” (EEE), como jovens cristãos vivenciam um projeto de gestão da sexualidade e das emoções. O trabalho de campo revela a resignificação de práticas corporais, expressões emocionais e sociabilidades por meio de categorias religiosas, produzindo formas específicas de subjetividade. O EEE utiliza estratégias pedagógicas que envolvem controles externos e tecnologias de autogerenciamento de desejos e afetos. A dimensão digital emerge como parte constitutiva dessa experiência religiosa.

**palavras-chave** Juventude evangélica; Religião; Eu Escolhi Esperar; Acampamento cristão

## Management of bodies, emotions and subjectivity among evangelical youth in the “Eu Escolhi Esperar” movement

**abstract** This text analyzes, based on an ethnographic study in a camp of the evangelical movement “Eu Escolhe Esperar” (EEE), how Christian youth experience a project of sexuality and emotion management. The fieldwork reveals the resignification of bodily practices, emotional expressions and sociabilities through religious categories, producing specific forms of subjectivity. The EEE uses pedagogical strategies involving external controls and technologies of self-management of desires and affects. The digital dimension emerges as a constitutive part of this religious experience.

**keywords** Evangelical youth; Religion; Eu Escolhi Esperar; Christian camp

## Introdução

Na noite de 31 de julho de 2015, chegava ao Centro de Convenções John Wesley<sup>1</sup>, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, para participar do primeiro acampamento nacional do movimento Eu Escolhi Esperar (EEE), uma campanha cristã iniciada em 2011 que orienta jovens sobre vida amorosa e sexual com base nos princípios bíblicos. Originalmente criada nas redes sociais, a campanha se expandiu para seminários e

---

<sup>1</sup> O Centro de Convenções John Wesley (CCJW), localizado em Xerém, Duque de Caxias (RJ), é um complexo da Igreja Metodista Wesleyana fundado em 5 de abril de 1977. Inicialmente conhecido como ACAJOWE (Acampamento João Wesley), o espaço possui capacidade para acomodar até 2.000 pessoas, com estrutura que inclui auditório principal climatizado para 1.300 pessoas, dormitórios, salas de reunião, cozinha industrial, restaurante, áreas de lazer (piscinas, quadras esportivas e jogos) e amplo estacionamento. O centro é equipado com infraestrutura moderna, incluindo internet fibra ótica, sistema de segurança com câmeras e enfermaria, além de equipe completa de apoio para realização de eventos religiosos, retiros e conferências.



e231404

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe231404>

acampamentos em igrejas de diversas denominações no Brasil e no exterior. O EEE não está restrito a uma única vertente religiosa, alcançando jovens protestantes, católicos e até pessoas sem religião.

O movimento não se limita apenas a jovens virgens, mas se estende a qualquer pessoa que deseje repensar sua vida afetiva e sexual. A campanha defende que a "pureza" até o casamento pode trazer benefícios emocionais e espirituais. Além disso, considera que, mesmo aqueles com relacionamentos sexuais anteriores, podem recomeçar sua jornada afetiva, assumindo o compromisso de esperar até o casamento para novas relações íntimas. Uma dimensão central do EEE é a promoção da educação emocional e sexual entre os jovens. O movimento argumenta que os participantes devem amadurecer emocionalmente antes de se envolver romanticamente, de forma similar ao planejamento de uma carreira profissional. Esse amadurecimento emocional está relacionado tanto ao desenvolvimento biológico quanto à saúde psicológica, especialmente durante a adolescência. Portanto, o EEE se dirige a um público amplo, não se restringindo apenas a pessoas inexperientes sexualmente. A ideia de "recomeço" e a ênfase no amadurecimento emocional como pré-requisito para os relacionamentos amorosos são elementos centrais na proposta do movimento.

O movimento é liderado pelo casal de pastores Nelson Junior e Ângela Cristina, que compartilham suas experiências pessoais como modelos inspiradores para os participantes. Essa estratégia de "exemplaridade" se baseia na noção de que indivíduos com perfil inspirador, dentro de seu contexto social, podem se tornar referências a serem seguidas. Segundo Eduardo Dullo (2016), uma pessoa exemplar deve mostrar aos outros um caminho a ser seguido, oferecendo sua própria experiência como referência e orientação. A abordagem teórica de Gilberto Velho (2003; 1997) sobre trajetórias individuais e projetos é relevante, pois os jovens do EEE se inserem em um campo de possibilidades que lhes permite escolher desempenhar determinados papéis. Além disso, as perspectivas de Mauss (2003) e Le Breton (2009) sobre a produção social do corpo e das emoções contribuem para compreender as concepções particulares de "corporalidade cristã" e "pureza emocional" promovidas pelo movimento.

Como pesquisadora que já acompanhava o movimento Eu Escolhi Esperar há dois anos, a realização deste trabalho de campo etnográfico em 2015 representou uma oportunidade singular de compreender como jovens vivenciam na prática o compromisso com a "espera". O acampamento nacional do EEE reuniu 500 participantes de 13 estados brasileiros, constituindo um grupo diverso cujas dinâmicas e experiências pude observar de perto ao longo de três dias. Compartilhei o cotidiano dos participantes no alojamento feminino com outras dezenove jovens, participando tanto das atividades programadas quanto dos momentos livres. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e conversas informais, sendo registrados em diário de campo para captar as múltiplas percepções sobre o movimento e o evento<sup>2</sup>. A análise do material etnográfico

---

<sup>2</sup> Este relato etnográfico, concentrado no evento, é parte do material utilizado em minha monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em 2015 com o título "Sexo, religião e juventude: uma análise sobre a mobilização "Eu Escolhi Esperar" e sob orientação da professora Carly Machado.

foi realizada à luz do referencial teórico sobre corpo, emoções e juventude, buscando compreender como as experiências individuais se articulam com os dispositivos pedagógicos e as tecnologias de si promovidas pelo EEE.

### **Dinâmicas e experiências no acampamento**

O processo de ambientação começava já no credenciamento. Cada participante recebia um kit contendo, além do cronograma, um conjunto de "regras de convivência" intitulado "Os 10 mandamentos de um camper". As orientações estabeleciam um elaborado sistema de controle corporal: desde vestimentas ("evite roupas indecentes") até interações físicas ("proibido ficar ou trocar carícias"), revelando como o movimento busca estabelecer uma pedagogia detalhada dos corpos e afetos.

A organização espacial do acampamento refletia essa lógica de controle e separação. Os dormitórios, divididos por gênero e faixa etária, reuniam cerca de 20 jovens em cada quarto. Era nestes espaços mais íntimos que emergiam as diferentes trajetórias de aproximação com o movimento. Maria, de 19 anos, me confidenciou durante uma conversa noturna: "Já namorei 'normal' antes, mas sempre me sentia culpada. Aqui encontrei pessoas que entendem minha escolha de recomeçar". Sua fala ecoava uma narrativa recorrente no campo: a possibilidade de "recomeço" após experiências sexuais anteriores.

A programação alternava momentos rituais intensos com espaços de sociabilidade controlada. As palestras temáticas revelavam a sofisticada pedagogia do movimento em lidar com questões sensíveis. As palestras, especialmente aquelas sobre sexualidade, atraíam grande interesse. Em uma sessão ministrada por Ângela Cristina, o tema "Como lidar com o desejo sexual na espera" foi abordado com surpreendente franqueza. O anonimato dos papéis com perguntas permitia que os jovens expressassem dúvidas que não ousariam verbalizar publicamente: "Como lidar com sonhos eróticos?", "É pecado sentir tesão pelo namorado?", "Se já não sou virgem, ainda vale a pena esperar?". O teor das perguntas contrastava com os rostos baixos e risos nervosos da plateia, enquanto Ângela fazia a leitura.

As respostas mesclavam referências bíblicas com linguagem jovem e analogias contemporâneas. "Sentir desejo é como ter fome: natural, mas você escolhe como e quando vai se alimentar", explicava a palestrante. Em outro momento, comparou o autocontrole sexual ao treino para uma maratona: "Ninguém começa correndo 42 quilômetros. Você treina todo dia, desenvolve resistência, aprende a lidar com a vontade de desistir". A estratégia de usar metáforas do universo secular para explicar princípios religiosos parecia especialmente eficaz com o público jovem.

Os momentos de lazer supervisionado revelavam as tentativas do movimento de criar alternativas "santificadas" para práticas juvenis contemporâneas. Havia sessões de jogos, gincanas bíblicas e até um "café musical" onde jovens podiam apresentar composições próprias, desde que com letras "edificantes".

A já citada dimensão pedagógica do movimento se revelava especialmente nos rituais coletivos. O momento mais impactante ocorreu logo na primeira noite, durante o culto de abertura. Após uma pregação sobre "estar na presença de Deus", o Pastor Nelson

pediu que aqueles que se identificavam como "ausentes espiritualmente" se dirigissem à frente. A resposta foi surpreendente: quase todos os presentes se levantaram, desencadeando uma efervescência coletiva marcada por choros, abraços e orações em voz alta.

O trabalho emocional continuava nos grupos menores de aconselhamento e oração. Na sessão "Cura das Emoções", os participantes compartilhavam suas "feridas emocionais" em círculos íntimos. Em contraste com estes momentos de intensidade emocional, o movimento também investia na criação de espaços de sociabilidade juvenil "santificada". A festa country exemplificava este esforço: música gospel com batida country, danças coordenadas em fila – estrategicamente planejadas para evitar aproximações físicas – e o *dress code* que buscava equilibrar estilo e "modéstia". Como explicou uma das organizadoras: "Queremos mostrar que dá para se divertir sem cair em tentação".

A cultura material do movimento se expressava na "loja oficial", estrategicamente posicionada próxima ao auditório principal. Ali, camisetas com frases como "Loading... Espere em Deus", anéis de compromisso e literatura especializada funcionavam como marcadores visíveis de pertencimento. Observei jovens economizando dinheiro das refeições para adquirir alguns destes itens, evidenciando como o consumo se integrava às práticas de devoção.

## **A "Comunidade da Espera": Corpo, emoções, projeto e subjetividade**

A dimensão digital permeava toda a experiência do acampamento. Além das fotos oficiais com a hashtag #EEECAMP, que alcançaram mais de 1.500 publicações durante o evento, os jovens criavam redes próprias de comunicação através de grupos de WhatsApp. Nesses espaços virtuais, versículos bíblicos misturavam-se a memes evangélicos e discussões sobre como aplicar os ensinamentos recebidos no cotidiano. O digital emergia não como mero complemento, mas como dimensão constitutiva da experiência religiosa daquela geração.

As tensões e negociações em torno das regras eram constantes. Casais de namorados desenvolviam estratégias sutis para demonstrar afeto dentro dos limites permitidos: sentavam-se próximos durante as palestras, trocavam olhares durante o louvor, aproveitavam os intervalos para conversas ao alcance da vista dos monitores.

O último dia do acampamento revelou como o movimento trabalha a transição entre o tempo-espço extraordinário do evento e o retorno ao cotidiano. A palestra final do Pastor Nelson, utilizando a história bíblica de Daniel na Babilônia, elaborava uma analogia sobre como manter-se "íntegro" em ambientes seculares. A mensagem ressoava especialmente entre os jovens que haviam compartilhado suas dificuldades em sustentar o compromisso com a espera em faculdades, trabalhos e famílias não evangélicas.

A "Cerimônia das Alianças" marcou o encerramento, com cada participante recebendo um anel simbolizando seu compromisso renovado. O momento condensava elementos centrais da pedagogia do movimento: materialidade (o anel como objeto-símbolo), corporalidade (o ato de colocar a aliança), emoção (lágrimas e abraços) e digitalidade (fotos compartilhadas instantaneamente nas redes). "Este anel não é só um

acessório", declarou uma das líderes, "é um memorial do que vocês viveram aqui e uma âncora para os momentos de tentação que virão".

Durante a arrumação dos dormitórios e despedidas, observei as múltiplas trocas que evidenciavam a eficácia do acampamento em criar vínculos duradouros: livros presenteados, camisetas trocadas e contatos salvos. Nos intervalos entre as atividades programadas, as conversas frequentemente giravam em torno dos desafios de manter o compromisso com a "espera" em ambientes seculares. Um grupo de universitárias compartilhava estratégias para lidar com o ambiente acadêmico. A questão familiar emergia como ponto de tensão recorrente, especialmente para jovens de famílias não evangélicas.

Estas conversas informais revelavam também como o movimento fornece um vocabulário específico para interpretar experiências cotidianas. Termos como "recaída", "restauração", "namoro santo" e "tentação" funcionavam como categorias compartilhadas através das quais os jovens davam sentido a suas vivências e emoções. A própria noção de "espera" era constantemente reelaborada, ganhando significados que iam muito além da abstinência sexual.

Ao deixar o Centro de Convenções naquela tarde de domingo, compreendia como o EEE consegue mobilizar jovens em torno de valores tradicionalmente restritivos: não através de imposições autoritárias, mas pela construção de uma comunidade afetiva onde práticas aparentemente limitadoras são ressignificadas como escolhas positivas e transformadoras. O digital, a materialidade e as emoções se entrelaçam na produção de uma forma específica de subjetividade religiosa juvenil, onde o controle dos corpos e afetos é vivenciado menos como restrição externa e mais como projeto de vida desejável e compartilhado.

### **Considerações finais**

A experiência etnográfica no acampamento revela aspectos significativos das transformações nas formas contemporâneas de vivência religiosa entre jovens evangélicos. Primeiro, evidencia como categorias aparentemente tradicionais como "pureza", "espera" e "virtude" são rearticuladas através de linguagens e práticas juvenis, produzindo uma forma particular de estar no mundo que não se reduz à simples negação da sexualidade, mas se configura como um elaborado projeto de construção de si.

A gestão dos corpos e emoções promovida pelo movimento opera simultaneamente em múltiplos níveis: desde controles externos explícitos (regras de vestimenta e comportamento) até tecnologias mais sutis de autogerenciamento dos desejos e afetos. O sucesso desta pedagogia parece residir justamente em sua capacidade de transformar restrições em escolhas, proibições em projetos, construindo um repertório de práticas e significados que permite aos jovens navegarem entre os imperativos religiosos e as demandas da vida contemporânea.

O digital emerge não apenas como ferramenta de divulgação ou conexão, mas como dimensão constitutiva desta experiência religiosa. As redes sociais, mensagens instantâneas e registros fotográficos funcionam como tecnologias de memória e compromisso, estendendo a comunidade afetiva construída no acampamento para além de

seus limites espaciais e temporais. Esta articulação entre presencial e virtual parece especialmente significativa para uma geração que não concebe estas dimensões como separadas.

A força do movimento reside, portanto, menos em sua capacidade de impor regras e mais em sua habilidade de construir sentidos compartilhados e redes de apoio mútuo que tornam o projeto da "espera" não apenas suportável, mas desejável. Ao oferecer pertencimento, propósito e uma gramática para compreender e expressar experiências íntimas, o EEE exemplifica como movimentos religiosos contemporâneos conseguem mobilizar jovens em torno de valores tradicionais através de linguagens e práticas profundamente sintonizadas com suas formas de ser e estar no mundo.

### Referências Bibliográficas

- Dullo, Eduardo. 2016. "Testemunho: cristão e secular". *Religião & Sociedade* 36: 85-106.
- Le Breton, David. 2009. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes.
- Mauss, Marcel. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Velho, Gilberto. 1997. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Velho, Gilberto. 2003. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições.

### sobre a autora

#### **Sthefanye Paz**

Doutoranda em Antropologia Social no Museu Nacional (UFRJ), Mestra em Ciências Sociais (UFRRJ) e Licenciada em Ciências Sociais (UFRRJ). Realiza pesquisas sobre trajetória de mediadores culturais através da interseção das categorias de juventudes, religião e música negra. Atualmente é Bolsista CAPES de Doutorado e também foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência entre 2012 e 2013. Suas áreas de interesse se concentram na Antropologia da Religião e na Antropologia Urbana.

**Autoria:** A autora é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

**Financiamento:** Não houve financiamento para esta pesquisa.

Recebido em 15/11/2024.

Aprovado para publicação em 25/11/2024.